

## **Quando um aplicativo ocupa o lugar do Outro**

*When an app takes the place of the Other*

*Cuando una aplicación reemplaza al Otro*

*Quand une application prend la place de l'Outre*

ROSA GUEDES LOPES

Como um aplicativo é capaz de alterar a percepção que um sujeito tem dele mesmo e permitir que ele se veja de um modo diferente daquele que imaginava? Quando o Outro familiar se ausenta da função de ajudar um sujeito a administrar o cotidiano da sua vida e a construir uma narrativa que o situe no interior de sua família e no mundo externo, a quem cabe exercer esta função? Um caso clínico demonstra como dois *apps* vinham sendo usados por um jovem como suplência ao esvaziamento do lugar do Outro porque lhe forneciam dados quantificados e gráficos sobre suas atividades cotidianas e a qualidade do seu humor. O saber da máquina é especulativo; não inclui o gozo. Através da interpretação, o desejo do analista conecta o sujeito à sua causa porque interroga a verdade em jogo no sintoma. Legitima-a partir do recurso à hipótese da existência de um Outro saber. Assim, reinsere na consideração egoica um *app* mais primitivo: a dimensão transgeracional e constitutiva do desejo

*Palavras-chave:* Psicanálise. Outro. Interpretação. Desejo do analista. Aplicativo.

### **O uso de aplicativos no dispositivo analítico é um obstáculo ao tratamento? É preciso recusar essa “intromissão”?**

Antonio me disse que precisaria manusear o celular durante a sessão para consultar um aplicativo no qual insere as informações sobre o que lhe acontece diariamente: o que fez, onde esteve, como qualificou o seu humor, se mergulhou num vazio, se jogou com amigos, se foi ao cinema... Contou que depois de ter começado a usar o aplicativo percebeu que sua vida “não era tão vazia quanto pensava”.

Trata-se de um diário psicológico fácil de preencher porque não é preciso digitar nada; basta incluir informações escolhendo os ícones correspondentes. Após um tempo de uso o aplicativo fornece gráficos estatísticos com a história do humor, das atividades que preenchem o dia do usuário, qualificando o humor como "radiante", "bom", "mais ou menos", "mau", "horrrível". Com estas informações, o indivíduo passa a reconhecer características da sua vida, padrões de comportamento, de estados de humor etc. Segundo Antonio, o *app* traz um “ganho de conhecimento de si”.

Por curiosidade, busquei os comentários existentes sobre o aplicativo e percebi que a avaliação do meu paciente era repetida por outros indivíduos. O sucesso se deve justamente ao tal “ganho de conhecimento”.

### **Que lugar esse aplicativo ocupa na vida de tantas pessoas? Quem são os seus usuários? Para que o utilizam?**

A leitura de 262 avaliações mostrou-me que o app é muito usado por pré-adolescentes, adolescentes e adultos jovens. Do total consultado, só 3 indivíduos não gostaram dele. Todos os outros falavam como Antonio e reconheciam o “poder” de autoconhecimento fornecido pelo seu uso diário.

- Um menino escreveu que aos 10 anos passou “a ter novas emoções e esse aplicativo o ajuda muito a saber quais são”.
- Alguns indivíduos, que se automeiam *border*, utilizam-no como um “indicador de ápices ou crises” que “ajuda a monitorar o humor”, listar “os gatilhos associados a ele” e enviar os relatórios para os seus terapeutas.
- Outros, relatam que a vida “mudou inteira depois de começarem a anotar como se sentiam por dia”. Não conseguem mais “ficar sem escrever nele um dia sequer” -

é “show escrever sobre o dia, selecionar o humor e as atividades e ainda receber gráficos mostrando um *resumão* sobre si mesmo”.

- Alguns explicam que o *app* “parece inútil no começo”. Depois percebem o quanto contribui para manter um equilíbrio emocional, ajudar a controlar o humor e a fornecer alívio para as tensões, mesmo “sem que tenha ninguém para escutar”.
- Os indivíduos "solitários" acham muito “legal quando o *app* pergunta ‘o que você tem feito?’”.
- Os que têm “problema para desabafar com pessoas” desabafam com o aplicativo. O verbo desabafar é o mais usado nos comentários. Os usuários confidenciam seus segredos ao *app* como se ele fosse uma espécie de *outro* que, embora anônimo e inexistente, é sempre qualificado como um “ótimo ouvinte para as horas estressantes”. Isto faz com que o *app* se torne um “confidente fiel” que funciona como um “RPG da sua tristeza”.

Embora o modo de uso do aplicativo sofra variações, o seu efeito sobre os indivíduos é unânime: todos descobrem “cada vez mais que *não se conhecem*”.

### **O que significa “se conhecer”? De onde provém o "conhecimento de si"?**

Nenhum ser humano escapa ao campo da fala e da linguagem. A linguagem nos antecede, mas suas coordenadas precisam ser transmitidas. O estado de desamparo com o qual chegamos ao mundo coloca-nos sempre dependentes de um Outro capaz de interpretar e organizar os estímulos perceptivos provenientes do interior do nosso corpo e do mundo externo. O ser humano precisa de uma assistência externa capaz de traduzir sua urgência e de agir para proporcionar alívio. Também não sabemos quem somos, por que nascemos e que objetivo dar à própria existência.

Freud nos ensinou que “uma unidade comparável ao ego não existe desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. [...] algo deve ser adicionado ao autoerotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo” (FREUD, 1914, p. 93). O ego se constitui por identificação. É preciso que ocorra, no âmbito da pulsão, uma transformação impulsionada pela assunção de uma imagem especular em cuja matriz simbólica o próprio ego “se precipita numa forma primordial”. (LACAN, 1949, p. 97) Sem a intervenção de *um Outro cujo desejo não se pode ser anônimo* não sabemos que valor possuímos para alguém.

Em psicanálise, desejo e pulsão não podem ser pensados sem a intervenção de alguém capaz de amparar a urgência que a descarga de um alto nível de excitação produz no corpo da criança, causando desprazer. O prazer produzido pela ação externa deixa uma marca que funda o sujeito como sujeito do desejo e o outro, como *Outro da demanda*, objeto pulsional (*a*) a quem a criança passará a dirigir seus apelos por satisfação. Essa marca representará o que foi essa experiência radical de desamparo e sua satisfação, produzindo, segundo Freud, as “consequências mais decisivas para o desenvolvimento das funções individuais” (FREUD, 1950[1895], p. 422).

O Outro familiar tem a importante função de socializar, humanizar, transmitir às novas gerações as coordenadas simbólicas referentes à identificação e ao desejo. Precisa orientar as narrativas que situam as diferenças sexual e geracional e ensinar a administrar o cotidiano da vida. Essa função é, inicialmente, exercida pela mãe e, em seguida, pela intervenção feita pelo pai, enquanto sujeito desejante, sobre o par imaginário criança-mãe.

É porque o trabalho de simbolização começa no âmbito familiar que dele resulta a crença de que o pai é o responsável pela renúncia a uma parte do gozo imposta à criança. Os complexos freudianos são matrizes simbólicas que permitem localizar a criança inicialmente como objeto fantasmático do desejo do Outro e, em seguida, localizar o pai imaginariamente como o nome do Desejo da Mãe. O objeto é fantasmático, e não da realidade.

A pergunta “o que o Outro quer [de mim]?” diante do inominável desejo materno permite a unificação pulsional do corpo infantil e a constituição do *ego* como *ego ideal*. Os efeitos psíquicos do complexo de castração, decorrentes da entrada em jogo da diferença sexual introduzida pela figura do pai, produzem uma perda narcísica sobre essa posição original fazendo com que o *ego* passe a se orientar pelo *ideal do ego*. Ou seja, pela identificação aos ideais civilizatórios dos quais o pai deve ser o modelo. A assunção de uma posição diferenciada na partilha dos sexos e na sucessão geracional resulta da entrada em jogo do complexo de castração e da introdução do Nome-do-Pai como o significante da falta no Outro.

Lacan traduziu os complexos freudianos através dos conceitos de Nome-do-Pai, Desejo da Mãe, falo ( $\Phi$ ) e objeto *a*. Através deles o sujeito se identifica a uma certa discursividade que lhe permite nomear o desejo que o antecede e, a partir daí, a razão da

sua vinda ao mundo e da sua existência. O lugar de objeto de *um* desejo, cuja origem é o *desejo sexual do casal parental*, é a matriz da possibilidade do advento de um sujeito (\$).

**O que se passa no mundo contemporâneo? Por que tantos indivíduos hoje afirmam “não se conhecerem”? Que tipo de conhecimento é fornecido por aplicativos como esse? Que lugar esse app pode ocupar na estrutura subjetiva e quais são seus efeitos?**

O estado original de desamparo é o ponto de partida da constituição subjetiva. O grito inicial é simbolizado como apelo ao pai, matriz de toda crença e razão da renúncia ao gozo exigida pela lei paterna que introduz o desejo inconsciente como causa. A mãe é a matriz dos objetos pulsionais. O pai é o mediador que introduz a diferença sexual, interdita o gozo, funda o limite da satisfação e insere a criança na rede social das trocas. Enquanto ideal identificatório, ele era o “elemento principal em todas as formas de laço social do século XX” (FORBES, 2012, p. 43).

Castrador e localizado como exceção, o pai submetia *todos* os indivíduos ao regime da lei da interdição do incesto. O complexo de Édipo - estrutura simbólica da doença nervosa moderna, segundo Freud (1908) – era o correlato da moral sexual “civilizada” de sua época. Por isso, era encontrado de modo hegemônico estruturando as neuroses. Por esta razão, o sujeito moderno podia ser definido como crítico e neurótico. Apesar de dividir-se entre seus interesses particulares e os do bem comum, era também alguém capaz de renunciar porque se encontrava regulado por uma consciência moral (DUFOUR, 2005).

O século XXI nasceu marcado pela ausência da primazia do pai como explicação para a perda de gozo. *Esse* pai, cuja autoridade não era posta em dúvida, já não existe mais. Deixou de ser aquele cuja autoridade permite interditar o gozo com o objeto incestuoso. Como efeito, já não encontramos mais os imperativos superegoicos reguladores do gozo na discursividade contemporânea. As coordenadas simbólicas vêm sendo paulatinamente desacreditadas e desmentidas. Vivemos uma “crise” no campo do saber movida pelo questionamento da autoridade gerada pelo processo de tornar legítimo o próprio conhecimento (LYOTARD, 1986).

O lugar do saber sofreu transformações. Mudou de estatuto. Hoje temos propensão a crer que o saber operacional é o que pode ser traduzido em quantidades de informação. Os cálculos estatísticos, os padrões que organizam as repetições e os gráficos que esse tipo de linguagem permite construir são exemplos do saber que tende a ser valorizado.

Mas a linguagem da máquina, com a qual os aplicativos são construídos, produz um tipo de saber que se baseia na especulação. A incidência das informações tecnológicas sobre o campo do saber afetou-o tanto no campo da pesquisa científica quanto na função da transmissão dos costumes e dos conhecimentos. (LYOTARD, 1986)

O “saber” adquirido por especulação despreza o inconsciente, que só pode ser contabilizado se o analista operar sobre um "sujeito crítico e neurótico" (Dufour, 2005), capaz de reconhecer a incidência das identificações e do desejo do Outro sobre sua estrutura fantasmática. Mas esse sujeito dividido, nascido com a modernidade, já não é presença majoritária nos consultórios de psicanálise. Ele se “estilhaçou” porque nenhuma figura do Outro ainda vale verdadeiramente. Apesar de poderem ser encontrados, esses Outros padecem da ausência de prestígio. Não conseguem se impor. “Na pós-modernidade não há mais Outro no sentido do Outro simbólico” (DUFOUR, 2005, p. 59).

No lugar das tradições passadas entre as gerações – as chamadas “grandes narrativas” - abundam pequenas narrativas, caracterizadas por serem apenas elucubrações feitas por indivíduos libertos das amarradas do recalque. O crescimento e a proliferação desse tipo de enunciado tornaram frouxos os princípios universais pelos quais as grandes narrativas e a ciência encontravam o seu lugar (LYOTARD, 1986).

No rastro do trabalho de desconstrução dos saberes tradicionais, da ascensão da interpretação da lei como proibição e da operação do recalque interpretada como repressão, presenciamos também a revogação paulatina das diferenças sexual e geracional (COELHO DOS SANTOS, 2001; LOPES & COELHO DOS SANTOS, 2017). Sem a presença destes operadores firmemente encarnados nas figuras parentais, modelos de como lidar com a sexualidade, vemos a justaposição de discursividades incapazes de demonstrar que, no campo do desejo, o objeto de cada sujeito não pode ser qualquer um.

**Quando o Outro do simbólico não é representável pela figura de um Outro familiar, que exerce a função de ajudar a administrar o cotidiano da vida e a construir narrativas que situem o sujeito no interior da família e no mundo externo, a quem cabe então exercer essa função?**

Para Antonio o *app* funcionava como um *outro* que sistematiza, através de padrões estatísticos, como e com que frequência ele encontra algum tipo de satisfação pulsional e quais atividades que o deixam "feliz", "mais ou menos", "mal" ou "horrrível". Sem o *app*, ele não sabe dizer como foi sua semana, o que fez no dia anterior; ele se reduz a *nada* –

nada de memória. Por essa razão, não é possível pedir-lhe que desligue o celular durante a sessão. Ao contrário, é preciso fazer com que o consulte para que algum conhecimento sobre si alcance uma forma discursiva.

O aplicativo ajuda Antonio a classificar e qualificar a sua vida. É esse o “ganho de conhecimento”. Contudo, apesar de organizado objetivamente, esse conhecimento, não inclui as conexões entre os “padrões de comportamento” de Antonio e a sua história familiar. Não inclui a libido em jogo nas relações familiares. Não situa sua depressão e “falta de memória” como efeitos da separação dos pais, da excessiva e precoce exposição à pornografia, e nem do seu encontro com a própria sexualidade. Não interroga as perturbações referentes à sua identidade sexual. Não permite que ele se dê conta do seu constante estado de desamparo e possa concluir o quanto ainda precisa de cuidados... Ao concentrar as informações em gráficos e fornecer, ao final, um “*resumão* sobre si mesmo”, o aplicativo deixa tudo na conta do *ego*. Faz parecer que a existência dessa instância não padece de nenhuma dívida simbólica. Leva a crer que o Outro não existe.

Após um curto período de análise, Antonio passou a trazer um outro *app* que também costumava usar para anotar seus sonhos. O objetivo deste programa é ajudar o usuário a “aprender a dominar a arte do sonho lúcido”. Anotar os sonhos permite ao indivíduo ganhar alguma consciência sobre eles e, então, passar a controlá-los. O aplicativo também pode ser usado como um diário de sonhos. Assim como o anterior, possuía ferramentas para fazer testes de realidade e analisar os sonhos classificando-os por temas: familiares, engraçados, pesadelos, sexualidade. Tudo isso através de gráficos e dados quantificados estatisticamente.

A narrativa de alguns sonhos sob transferência, permitiu que Antonio descobrisse que a sexualidade, a infância e a família eram temas que compareciam frequentemente juntos. Interessou-se, então, por saber a razão pela qual frequentemente alguns sonhos continham cenas de incesto e, nelas, ele se encontrava sempre numa posição de submissão ao outro da qual parecia obter uma “satisfação esquisita”. Aos poucos foi percebendo que isso não acontecia somente nos sonhos, mas também na vida cotidiana.

Em casos como esse, o *desejo do analista* torna-se o “aplicativo” que pode fazer o trabalho de conectar o sujeito à sua causa, pois permite interrogar o gozo que se apresenta como saber nas narrativas originadas das informações obtidas quando manuseia o *app*. Ao zelar pela verdade recolhida dos enunciados dele, legitima-os a partir de um novo recurso: a hipótese da existência de um saber inconsciente. Pela interpretação, o

desejo do analista reinsere na consideração egoica um outro *app*, bem mais primitivo: o inconsciente, ou seja, a dimensão transgeracional e constitutiva do desejo.

É por isso que um analista não precisa, necessariamente, dispensar o uso de aplicativos quando eles insistem em se fazer presentes no dispositivo. Pelo contrário, no caso de Antonio é o aplicativo que o faz falar. As pequenas narrativas que ele constrói ao usá-lo permitem fazer valer a regra da associação livre sobre a qual a interpretação encontra o seu justo lugar. Permitem interpretar sua depressão e a ausência de libido que o caracterizam como uma resposta subjetiva à precariedade das coordenadas simbólicas provenientes do Outro familiar, pois é somente no laço com o Outro que o sujeito emerge.

No caso de Antônio, as “memórias” inconscientes que retornaram através da interpretação analítica forneceram as coordenadas da sua relação estrutural com o Outro no ponto mesmo em que elas pareciam inexistir para ele. Como consequência, possibilitaram mapear o tipo de gozo instalado pelo circuito familiar, gozo esse responsável pela posição apática e deprimida com que ele se apresenta no laço social. No caso de Antonio, foi possível construir a hipótese da existência de um desmentido da castração, da dívida simbólica responsável por instaurar e fazer funcionar o real impossível de ser explicado.

## Referências

- COELHO DOS SANTOS, T. 1968: a vacilação generalizada dos papéis sociais. Em: SOUBOTNIK, M. A.; SOUBOTNIK, O. M. M. C de S. (Orgs.). **Enlaces: psicanálise e conexões**. Vitória: GM Gráfica e Editora, 2008. p. 313-326.
- COELHO DOS SANTOS, T. Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexuação à invenção do parceiro-sinthoma. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, jan-jun, 2009, p. 9-26.
- COELHO DOS SANTOS, T.; LOPES, R. G. **Psicanálise, ciência e discurso**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2003.
- DUFOUR, D.-R. **A arte de reduzir as cabeças**. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2005.
- FORBES, J. **Inconsciente e responsabilidade. Psicanálise do século XXI**. São Paulo: Manole, 2012.

- FREUD, S. (1950[1895]). Projeto para uma psicologia científica. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. vol. 1, p. 395-517.
- FREUD, S. (1908). Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. vol. 9, p. 187-210.
- LACAN, J. (1949) O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 96-103.
- LOPES, R. G.; COELHO DOS SANTOS, T. Somos todos adotados? Parentalidade, família e filiação. **Cadernos de psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, 2017. p. 63-71. Disponível em <[https://spcrj.org.br/ojs/index.php/cad\\_psi\\_spcrj/article/view/22](https://spcrj.org.br/ojs/index.php/cad_psi_spcrj/article/view/22)>.
- LYOTARD, J.-F. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

---

## ABSTRACT

How is an app capable of altering a subject's perception of himself and allowing him to see himself in a different way than he imagined? When the familiar Other is absent from the function of helping a subject to manage his daily life and to build a narrative that places him inside his family and in the external world, who is responsible for exercising this function? A clinical case demonstrates how two apps were being used by a young man as a substitute for emptying the Other's place, because they provided him with quantified and graphic data about his daily activities and the quality of his mood. Machine knowledge is speculative; does not include the jouissance. Through interpretation, the analyst's desire connects the subject to his cause because it interrogates the truth at stake in the symptom. It legitimizes it from the recourse to the hypothesis of the existence of an Other knowledge. Thus, it reinserts a more primitive app in the egoic consideration: the transgenerational and constitutive dimension of desire.

*Keywords:* Psychoanalysis. Interpretation. Other. Analyst's desire. Application.

## RESUMEN

¿Cómo un app es capaz de alterar la percepción que un sujeto tiene de sí y permitirle verse a sí mismo de una forma diferente a la que imaginaba? Cuando el Otro familiar está ausente del rol de ayudar a un sujeto a administrar su vida cotidiana y construir una narrativa que lo ubica dentro de su familia y en el mundo externo, ¿quién es el responsable de realizar esta función? Un caso clínico demuestra cómo dos apps estaban siendo utilizadas por un joven como sustituto de vaciar el lugar del Otro, porque le proporcionaban datos cuantificados y gráficos sobre sus actividades diarias y la calidad de su estado de ánimo. El conocimiento de la máquina es especulativo; no incluye el goce. A través de la interpretación, el deseo del analista vincula al sujeto con su causa porque interroga la verdad que está en juego en el síntoma. Lo legitima a partir del recurso a la hipótesis de la existencia de un Otro saber. Así, reinserta en la consideración egoica una aplicación más primitiva: la dimensión transgeneracional y constitutiva del deseo.

*Palabras clave:* Psicoanálisis. Interpretación. Otro. Deseo del analista. Aplicación.

## RÉSUMÉ

Comment une app est-elle capable de modifier la perception qu'un sujet a de lui-même et de lui permettre de se voir d'une manière différente de celle qu'il imaginait ? Lorsque l'Autre familial est absent du rôle d'aider un sujet à gérer son quotidien et à construire un récit qui le situe dans sa famille et dans le monde extérieur, qui est chargé d'exercer cette fonction ? Un cas clinique montre comment deux apps ont été utilisées par un jeune homme comme substitut pour vider la place de l'Autre, car elles lui ont fourni des données chiffrées et graphiques sur ses activités quotidiennes et la qualité de son humeur. La connaissance des machines est spéculative ; n'inclut pas la jouissance. Par l'interprétation, le désir de l'analyste relie le sujet à sa cause parce qu'il interroge la vérité en jeu dans le symptôme. Elle le légitime du recours à l'hypothèse de l'existence d'un Autre savoir. Ainsi, elle réinsère dans la considération égoïque une app plus primitive : la dimension transgénérationnelle et constitutive du désir.

*Mots clés:* Psychanalyse. Interprétation. Autre. Désir de l'analyste. Application.

---

## ROSA GUEDES LOPES

Psicanalista.

Professora colaboradora do Curso de Especialização em Psicanálise, Clínica e Cultura do Centro Universitário Celso Lisboa e do Curso de Especialização Clínica e Pós-graduação em Psicanálise do SEPAI.

Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental – AUPPF.

Vice-presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana – ISEPOL.

Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida – UVA.

Doutorado e mestrado em Teoria Psicanalítica pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

r.guedeslopes@gmail.com

Orcid: 0000-0002-5005-1813

---

Citação:

LOPES, Rosa Guedes. Quando um aplicativo ocupa o lugar do Outro. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, ago. 2022.

Submetido: 28.08.2022 / Aceito: 30.08.2022

\* Este artigo é fruto da pesquisa de pós-doutoramento em Psicanálise e educação, financiada pelo PNPd/CAPES e desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida – UVA.

\* Trabalho parcialmente apresentado em IX Jornada Clínica e III Congresso Internacional “Contingências, restos e invenções” do SEPAI em 27 ago. 2022. Uma versão menor foi parcialmente apresentada no VII Congresso internacional de Psicopatologia Fundamental e no XIV Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental “A clínica na universidade e além” em set. 2018. A versão apresentada foi publicada com o título “O uso de aplicativos no dispositivo analítico” (Coelho dos Santos, T.; Santiago, A. L.; Garcia de Oliveira, F. L. (Orgs.). Reconfigurações do imaginário no Século XXI. Curitiba: CRV, 2019, p. 87-100).

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

